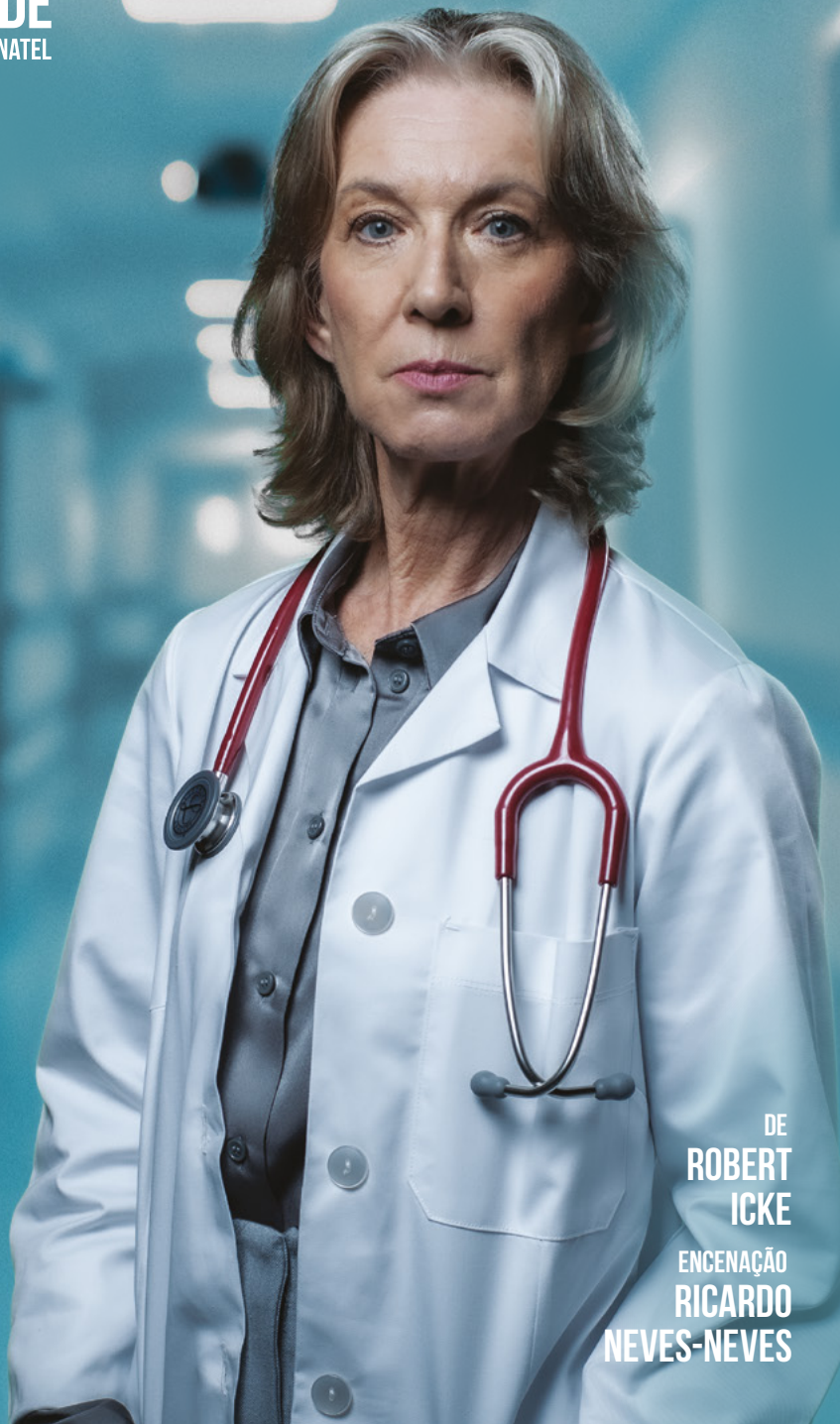


TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

A MÉDICA



DE
ROBERT
ICKE
ENCENAÇÃO
RICARDO
NEVES-NEVES

Ricardo Neves-Neves

“NESTE TEXTO HÁ NERVOS CONSTANTES À FLOR DA PELE”

Entrevista **Sónia Castro**

Uma protagonista forte, com as suas fragilidades, encabeça um drama com várias camadas, que gera a discussão sobre vários temas que estão na ordem do dia. Assim se pode caracterizar *A Médica*. Enquanto encenador, qual é sua visão sobre esta peça de Robert Icke?

Neste texto há nervos constantes à flor da pele, com personagens apaixonadas pela sua profissão, pelas suas convicções, mas que tem um princípio trágico, que é a morte de uma menina num hospital. O confronto entre a médica e o padre pode ser entendido como um género de braço de ferro da medicina e da ciência com a religião. Eu penso que o lado engenhoso deste texto é precisamente o facto de não dar respostas. É o próprio espectador que pega nas várias peças do puzzle e encontra dentro de si uma resposta. Se conseguir encontrar uma resposta! Acredito que é um ponto de partida interessante, essa dúvida constante sobre as coisas tremendas, como é o caso da ciência e da religião, mas que deriva em outras questões, como a sexualidade, a identidade, o racismo. *A Médica* também fala da forma como lidamos com todos os nossos preconceitos e tiramos conclusões precipitadas sobre aquilo que conhecemos mal.

Isso leva-me a outra questão que o espetáculo evidencia: a desinformação digital.

Sem dúvida. No caso da gravação que

o padre faz no hospital e que se torna viral, nós assistimos a um efeito bola de neve. É um género de retrato da opinião pública, daquilo que é divulgado nas redes sociais, na comunicação social, a informação incompleta, meio perdida. Há uma expressão do espetáculo que eu gosto muito: “pessoas sentadas em casa a berrar para a Internet.” Pessoas que têm uma opinião vincada sobre uma coisa que conhecem pouco. Têm opiniões agressivas que podem mudar, de forma profunda, a vida de uma pessoa. E nós vemos uma personagem colossal, gigante, a desfazer-se, a fragilizar-se com essa agressividade por parte de desconhecidos.

Este é um texto intenso, comovente, perturbador, muito diferente da maioria das suas encenações – como o espetáculo *Noite de Reis*, aqui no Teatro da Trindade INATEL, para dar apenas um exemplo. Comédia pura, ao contrário de *A Médica*. Há grandes diferenças nos processos de trabalho?

Curiosamente, no dia da estreia da *Noite de Reis*, o Diogo Infante e eu combinámos este espetáculo! Aquilo que me atrai, em geral, no teatro é um género de ponto de partida trágico. Aquilo que eu tenho feito nos outros espetáculos é transformar esse princípio trágico numa derivação que depois resulta em comédia. Aqui, o princípio trágico acentua-se e vibra ao longo de todo o espetáculo. É um género de alínea nova no tipo de trabalho que

tenho feito. E entusiasma-me também, claro, variar ou ter experiências novas dentro da sala de ensaios, poder apresentar um ponto de vista sobre aquilo que eu também gosto.

Robert Icke, autor do texto, joga com os pressupostos que o público faz quando vê um espetáculo. Se, habitualmente, o espectador assume que a identidade física da personagem é a mesma do ator, em *A Médica* vai perceber que nem sempre características, como género, etnia ou idade, correspondem às das personagens que os atores interpretam. Esta imposição do autor constituiu um desafio?

Ele pede propositadamente para nos desviarmos e, de forma muito evidente, não fazermos corresponder as características físicas do ator com as da personagem. Para mim, não representou uma dificuldade. É até um ponto de vista interessante sobre o que o espectador vê. O espectador

vê a personagem, vê aquilo que a personagem é, da forma como ela existe, da forma como ela própria se descreve e os outros a descrevem, ou vê o ator? Possivelmente, num primeiro momento, vê o ator, mas à medida que vai conhecendo a personagem, ela torna-se maior do que o ator. Ou seja, se eu vejo uma atriz, vou presumir que aquela personagem é uma médica mulher. Mas a partir do momento em que ela diz que é um homem, que se trata no masculino, então vou entendê-la como um médico homem. O Robert Icke propõe essa experiência, que vejo como uma espécie de laboratório teatral, que funciona para nós, que estamos a fazer o espetáculo, e também para o espectador perceber esta questão da identidade do ator relacionada com a identidade da personagem, se é ou não uma necessidade artística haver uma correspondência imediata ou se é uma coisa que pode ser pensada de outra forma.



A MÉDICA, A MULHER E A VIDA

Rui Nunes

Médico e Professor de Bioética

1. A Médica. Piedade Lobbo, a médica exemplar. A médica que segue rigorosamente os preceitos da ética médica tradicional, vertidos no código de ética da profissão médica, e proclamados no Juramento de Hipócrates. Sim, o Juramento de Hipócrates que ainda hoje – 2.500 anos depois – se mantém vivo e atual e que constitui o simbólico momento do início da profissão médica. E a partir de este momento tudo muda. Ser médico, ou médica já agora, é uma escolha de vida. É uma opção que muda radicalmente a atitude e o comportamento de todos aqueles que têm o privilégio de tratar, curar ou acompanhar os doentes. Mas, Piedade Lobbo, a médica exemplar, reinterpretou os princípios tradicionais da ética médica agora à luz das modernas correntes da bioética global e contemporânea, centrada nos direitos humanos e na dignidade que se impõe a qualquer pessoa.

E respeitar a autonomia da pessoa – e a sua liberdade de autodeterminação – é respeitar o seu direito a um futuro aberto. Por maioria de razão tratando-se de crianças ou mesmo de adolescentes. Note-se que os pais são convocados para proteger os seus filhos no limite ético do melhor interesse da criança. Mas, compete aos médicos definir esse melhor interesse tendo em consideração, no essencial, as leis da arte médica. Tratando-se a Emília de uma jovem já com a maturidade, acelerada pela sua própria vida, é a ela, Emília, que lhe compete decidir. E foi por isto que Piedade Lobbo lutou, e é por isso que é uma médica profissionalmente exemplar.

2. A Mulher. Mas, a médica exemplar não se pode emancipar da sua condição humana e biológica de ser mulher. E ser mulher, apesar da democracia vibrante que coletivamente construímos, é ainda condição de desigualdade. Muito se fez para combater essa desigualdade. Em Portugal e no mundo. Mas uma coisa é garantir-se uma igualdade básica de oportunidades no acesso a determinados bens, como a saúde ou a educação, outra é promover o desenvolvimento do potencial de cada pessoa, de cada mulher em particular. Gerar as condições para que todo o nosso talento seja promovido, e para que todas as nossas capacidades sejam desenvolvidas é condição essencial a um pleno desenvolvimento humano.

Piedade Lobbo sobe a pulso, repousando apenas no seu mérito, como médica, como investigadora e como líder, mas confronta-se com a dura realidade existencial de que ser mulher ainda não é equivalente a uma plena igualdade de oportunidades. E a medicina não é exceção. Seja na condução de uma organização ou dos destinos da sociedade, as mulheres, apesar do seu mérito, ainda não são devidamente valorizadas. Devemos assumir coletivamente que a desigualdade entre homens e mulheres no que respeita a participar e usufruir de tudo aquilo que a sociedade tem para oferecer é, provavelmente, a maior desigualdade existente na humanidade. Agravada que é pelas múltiplas condições que se interseccionam, como a etnia, a religião, ou a orientação sexual. Piedade Lobbo foi vítima de uma sociedade onde a verdadeira igualdade é ainda uma miragem.

3. A Vida. A vida, a reprodução e a morte. Este episódio da vida de Piedade Lobbo é também uma extraordinária ode à vida, e à morte. E como ambas encontram na sua singularidade a essência do fenómeno vital. A vida não é de ninguém, é património de todos. E a morte também não. Devemos poder escolher o modo como vivemos e como queremos morrer. Desde o seu início, ou seja, a reprodução humana. Que é assunto pessoal, mas também de cidadania, da nossa e a dos outros. Aos outros cabe a tarefa de organizar os serviços de educação, de literacia e de promoção da saúde de modo a que a reprodução seja um momento de felicidade e não de angústia. E sobretudo que seja uma escolha responsável. Assim, a vida pode ser plenamente vivida, com altos e baixos, inerentes aliás à própria condição humana. E a morte encontrará por fim o seu espaço com respeito pela dignidade interior da pessoa na sua paz pessoal.

4. A Médica, a Mulher e a Vida. A vida de Piedade Lobbo, a sua vida, é também uma lição de vida, uma lição para os

outros. Diferentes aspetos poderiam, e se calhar deveriam ser salientados. Mas, termino com um breve apontamento sobre aquele que me parece ser o mais relevante e significativo. A integridade. O paralelismo entre esta peça de teatro – *A Médica* – com a fantástica película de Martin Brest, *Perfume de Mulher*, é para mim evidente. Piedade Lobbo, tal como Al Pacino, recorda-nos que a integridade é um valor que facilmente se encontra comprometido, rapidamente se degrada, e por isso merece especial valorização. Ser uma pessoa íntegra é não escolher o caminho mais fácil, é escolher o mais difícil. É ser pessoa e não o seu contrário. É não ceder ao próprio ego, é compromisso com a verdade. É acreditar em alguma ideia e viver em conformidade. É recusar a banalização do mal. Na sociedade em geral, mas especialmente na medicina e na ciência, a integridade é um valor em declínio, e só uma nova cultura civilizacional o pode preservar.

E, talvez o desfecho de este drama tenha sido o que foi por Piedade Lobbo ser o que é. Mulher e médica.





SALA CARMEN DOLORES . 12 DEZ'24 A 16 FEV'25 . QUA A SÁB 21:00 E DOM 16:30

A MÉDICA

The Doctor, no original, é uma adaptação contemporânea de Robert Icke, da peça de 1912, *Professor Bernhardt*, de Arthur Schnitzler.

Piedade Lobbo, Diretora Fundadora e professora do Instituto ALMA, recusa a entrada de um padre católico no quarto onde uma rapariga está a morrer devido a um aborto mal feito e autoadministrado, por estar convencida que a presença do padre, não previamente autorizada pela família, provocará uma desnecessária ansiedade na jovem.

Depois da gravação da discussão entre a diretora e o padre se tornar viral na Internet, Piedade começa a ser alvo de fortes reações por parte de alguns colegas do hospital, por um crescente grupo de utilizadores das redes sociais e, por fim, por um painel televisivo constituído por ativistas de vários movimentos sociais. Cada um questiona as suas intenções ao proibir a entrada do padre, confrontando-a com as suas próprias convicções morais, éticas e religiosas, no que parece ser um julgamento público televisionado, acabando por conduzir ao seu afastamento profissional.

CONVERSA COM O PÚBLICO . 5 JAN'25 . APÓS O ESPETÁCULO



De **Robert Icke**

Tradução **Ana Sampaio**

Encenação **Ricardo Neves-Neves**

Com **Adriano Luz, Custódia Gallego, Eduarda Arriaga, Igor Regalla, Inês Castel-Branco, José Leite, Luciana Balby, Maria José Paschoal, Pedro Laginha, Rita Cabaço, Sandra Faleiro e Vera Cruz**

Cenografia **Fernando Ribeiro**

Figurinos **Rafaela Mapril**

Desenho de luz **Cristina Piedade**

Sonoplastia **Sérgio Delgado**

Vídeo **José Cruz**

Assistente de figurinos **Elisabete Guerreiro**

Assistentes de encenação **Diana Vaz e José Leite**

Apoio à assistência de encenação e apoio de palco **Pedro Deus e Santiago Galvão**

Direção de cena **Raquel Caetano**

Operação de som **Rui Santos**

Operação de luz **Renato Charrua**

Técnico de palco **Tiago Areia**

Fotografia cartaz e spot TV **Pedro Macedo / Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Design gráfico **Miguel de Jesus Pereira**

Direção de produção **Nuno Pratas**

Produção executiva e apoio de palco **Rita Machado**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Teatro do Eléctrico, Culturproject,**

Cineteatro Louletano e Teatro Nacional São João

Agradecimentos **António Andrade Santos, Artur Guimarães, Mafalda Simões e Teatro da Comuna**



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da Direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora), **Adriano Filipe e Sónia Castro** Núcleo de Cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de Cena **Pedro Viegas e Rosário Vale** Iluminação **Pedro Gonçalves e Renato Charrua** Som **António Oliveira e Rui Santos** Palco **Raquel Caetano e Tiago Areia** Bilheteira **Beatriz Reis e Luísa Oliveira** Manutenção Geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de Limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria / Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



COPRODUÇÃO



TEATRO DO ELÉCTRICO É FINANCIADO POR



APOIOS



PARCEIROS TEATRO DA TRINDADE INATEL



MEDIA PARTNERS



M12
2024